

Pensamento ecológico de Gilberto Freyre na obra *nordeste* sob o olhar da história ambiental

Daniela Fontenele Rocha¹
Francisco Gleison da Costa Monteiro²

Resumo: Este artigo objetiva analisar como Gilberto Freyre na obra *Nordeste*, publicada em 1937 pela editora José Olympio discute temáticas semelhantes à História ambiental, e suas contribuições para estruturação desse campo de saber constituído na década de 1970. Logo, interessa-nos analisar o contexto de produção da obra e do conhecimento que proporcionou a escrita do autor. Essas proposições nos induzem a buscar indícios que mapeiem a formação do autor e as articulações que travou, com autores e correntes, no âmbito de suas influências na produção textual e a ensaiar o pensar ecológico como ponto nodal de sua composição textual. O *corpus* documental é bibliográfico e as fontes tem familiaridade com obras que apresentam discussões do campo da história ambiental, e produções de especialistas que registraram análises críticas-reflexivas sobre o autor e da obra em foco no qual Gilberto Freyre é interpretado como sujeito em movimento e impulsionador da ecologia social.

Palavras-chave: Natureza, Gilberto Freyre, Nordeste, Ecologia social, História ambiental.

Abstract: This article aims to analyze how Gilberto Freyre in the “Nordeste”, published in 1937 by the publisher José Olympio discusses themes similar to Environmental history, and his contributions to the structuring of this field of knowledge constituted in the 1970. Next, we are interested in analyzing the context of production of the work and of the knowledge that provided the writing of the author. These propositions induce us to seek indications that map the formation of the author and the articulations he has worked with authors and currents within his influence on textual production and to rehearse ecological thinking as the nodal point of his textual composition. The documentary corpus is bibliographical and the sources have familiarity with works that present discussions of the field of environmental history, and productions of specialists who recorded critical-reflexive analyzes on the author and the work in focus in which Gilberto Freyre is interpreted as subject in movement and the driving force of social ecology.

Keywords: Nature, Gilberto Freyre, Nordeste, Social ecology, Environmental history.

Gilberto Freyre's ecological thinking in the work "nordeste" from the perspective of environmental history

¹ Universidade Federal do Piauí (UFPI), mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. daniellafontenele@hotmail.com.

² Universidade Federal do Piauí (UFPI), professor/pesquisador na Universidade Federal do Piauí (UFPI), campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Membro do programa de Pós-graduação em História do Brasil – UFPI. Tem experiência na área de História, com ênfase em Teoria e Metodologia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: Historiografia Brasileira, Métodos e Técnicas da Pesquisa, Ensino de História e Piauí Imperial.

INTRODUÇÃO

De acordo com Donald Worster, a escrita de uma história ambiental surge no contexto da ocorrência de conferências sobre a crise global e de influências dos movimentos ambientalistas na década de 1970, época de reforma cultural que afetou a disciplina história e outras áreas como direito e filosofia (WORSTER, 1991). Atestou que a transformação em empreendimento acadêmico veio de um objetivo moral tendo por trás fortes compromissos políticos.

A investigação sobre trabalhos relacionados à história ambiental proporcionou encontro com o artigo *As bases teóricas da história ambiental* de José Augusto Pádua. Esse autor acentuou alguns apontamentos da história ambiental. Para o mesmo, o “período anterior à década de 1970”, foi propício para impulsionar, a partir de obras clássicas, uma estruturação e redefinição desse campo, cujos autores estimularam reflexões de base ambiental, exemplificado em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda na obra *Nordeste e Caminhos e fronteiras*, respectivamente (PÁDUA, 2010).

Tendo isso como ponto de partida, apresento como proposta revisitar a obra *Nordeste* (1937) de Gilberto Freyre e identificar como as temáticas desse campo de saber se intercalam e convergem para um pensar ecológico. Também buscamos outros autores para nos auxiliar a problematizar o tema e ampliar os focos de análises. O intuito foi de perceber até que ponto Gilberto Freyre explora temáticas da história ambiental e como foi, a partir de um pensar ecológico, influenciando outros teóricos a fomentar essas discussões em seus estudos, bem como, expor o campo das discussões e as possibilidades geradas em torno da temática ambiental.

No artigo, *Abordagens sobre a História ambiental: um guia de campo para os seus conceitos*, Verena Winiwarter destaca conceitos presentes nesse campo de saber, tais como os conceitos de adaptação, co-evolução e interpretação biológica da cultura. Acrescenta que são quatro os pontos de vista principais sob os quais se estudam as ameaças ao meio ambiente: o da poluição, do equilíbrio ecológico ameaçado, da economia de recursos e o da convivialidade. Contudo, a história ambiental representa as interações entre a natureza e as sociedades humanas do passado, dá importância ao lugar ou ambiente e tenta associar a história humana com os sistemas naturais e discussões fulcrais quanto a degradação do meio ambiente e a adaptação do homem e na sua relação com a natureza.

A tentativa é exatamente mapear como Gilberto Freyre discute essa conexão da sociedade com a natureza, algo que a história ambiental procurou destacar posteriormente.

Pensar essa proposta é ver como o contexto de inclusão das temáticas suscitadas por esse campo, as fontes e os métodos podem estar presentes nessa obra. Assim, continuaremos a ampliar essa abordagem e a registrar as análises de forma que nos elucide como precursor dessa temática e impulsionador de outras questões que culminou para uma renovação da área do campo da história.

POLÍTICA E ECOLOGIA NA DÉCADA DE TRINTA NO BRASIL: ALGUNS INDÍCIOS

As discussões no meio intelectual nos anos 1930 no Brasil foram marcadas pelas mudanças políticas que estavam acontecendo no mundo. O Brasil estava sendo pensado por sociólogos e também por historiadores, sobretudo, do ponto de vista de sua identidade. Sabemos que desde o século XIX, intelectuais vinham estudando a identidade do país, cujo discurso permeava a presença de diferentes raças, contexto no qual o autor se empenhou como estudioso a reforçar a imagem de um Brasil Miscigenado³.

Em um período no qual as discussões voltava-se para questionamentos sociais e políticos, Gilberto Freyre com *Nordeste* também enveredou pensar sobre história ecológica. Mas, o que teria permitido esboçar o tema ecologia? Provavelmente, a proximidade de ambas as publicações sugere que uma obra influenciou a outra, pois a pesquisa parece realizada conjuntamente. Além disso, a atuação da antropologia através de Franz Boas indica uma interligação para um âmbito ecológico. Assim, enquanto publicava *Casa grande e senzala* e *Nordeste* outros intelectuais discutiam sobre a revolução de 1930 no Brasil. Nesse debate historiográfico intenso e com influências de sociólogos, o autor pernambucano se direcionou para uma análise ecológica, usando esse critério para abordar o *Nordeste*.

Vavy Pachego Borges apresenta produções de intelectuais que buscaram compreender aquele período onde predominava o campo da história política, no qual a figura emblemática era Getúlio Vargas. O conceito de “revolução” colocava-se claramente como central para todas as vozes envolvidas, e discutia-se a nova república em oposição ao período oligárquico no qual “dava-se uma grande desvalorização da política e enfatizava-se a urgência de uma sociologia que traria intensa carga de reflexão para influir nas análises do país com um conhecimento aplicável” (BORGES, 1998).

³ O estudo sobre a identidade do Brasil como um país miscigenado iniciou com a fundação do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) em 1838 com o concurso que premiou Karl Friedrich Philipp Martius com o trabalho cujo título *Como se deve escrever a História do Brasil*. Cf.: *Casa-Grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª ed. São Paulo: global, 2006.

Na análise da autora incluem intelectuais como Martins Almeida em *Brasil errado* e Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* e sociólogos que discutem aspectos da revolução e da nacionalidade. Gilberto Freyre é ausente nessa discussão, provavelmente por enfatizar mais discussões culturais. No entanto, essa falta de posicionamento do autor pode indicar impedimento de expressar sobre a revolução de 1930, um contexto político tão debatido à época e anos depois pela historiografia.

Para compreensão do critério ecológico do autor em *Nordeste*, tornou-se imprescindível o conhecimento de sua formação intelectual, tanto suas experiências quanto leituras. A importância dessa característica de análise é presente no historiador José Augusto Pádua, pois ao apontar as críticas ambientalistas de José Bonifácio teve que recorrer à biografia do mesmo para perceber as influências intelectuais (PÁDUA, 2004).

Contudo, a formação educacional do autor analisado é um processo também importante para essa compreensão. Assim, partindo da análise de Élide Rugai Bastos percebem-se alguns parâmetros que despertou o critério ecológico em Gilberto Freyre. A autora apresenta-o como construtor de sua própria imagem, o mito da cultura brasileira. Por isso realça a biografia de Freyre, traçada por ele mesmo ao constar que teve dificuldades para aprender a ler e escrever, tendo aprendido em inglês e posteriormente em português. Foi para a Universidade de Columbia, em 1920, entrou em um dos centros mais criadores da área da antropologia, com Franz Boas (BASTOS, 2006)

O contato com a antropologia pode ter despertado esse pensar ecológico. Além de conferir ao estudo do negro e mulato o seu justo valor quando “Aprendeu a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, herança cultural e de meio” (FREYRE apud BASTOS, 2006). Além disso, despertou no seu pensamento, que o meio não determina o homem. Isso possivelmente permitiu-lhe analisar pelo viés ecológico ao passo que as questões sociais implicadas com a antropologia provocaram o entendimento na relação entre homem e natureza.

Desse modo, essa autobiografia demonstra o quanto seu olhar era atento às questões ambientais. Ao voltar da Europa para Recife em 1923, começou a escrever no *Diário de Pernambuco*:

O que escrevia então mostrava o empenho do jovem com audácias de remar, por vezes, contra a maré, na defesa da conservação, sempre que possível, em países tropicais como o Brasil, de simples ruas, em vez da absoluta adoção de avenidas largas; a que se seguiria a defesa de arcadas ruas, protetoras contra chuvas e sóis tropicais, na defesa de valores da arquitetura tradicional

e regional brasileira; na defesa das árvores e plantas brasileiras ou tropicais nas ruas e nos jardins brasileiros; [...] O clamor em prol do encanto não só das velhas árvores como dos velhos portões recifenses de ferro rendilhado, de velhas varandas de sobrados coloniais do Nordeste, como sugestões para arquitetos com imaginação capaz de os adaptar a novos modelos de edifícios regionais; a repulsa a uma então dominante exaltação; [...] o clamor a favor do rio Capibaribe e de sua valorização pelo Recife; [...] (BASTOS, 2006, 26).

Podemos perceber nessa citação, explicitamente, a palavra conservação, muito utilizada nos estudos da história ambiental. Além disso, o autor destaca a importância em manter as árvores, assim como de proteger o rio Capibaribe. Implicitamente, a palavra conservação também parece está relacionada ao sentido de perceber a cidade enquanto patrimônio.

Em sua autobiografia, o autor noticia sobre a revolução de 1930, quando Getúlio Vargas toma o poder. Naquela época foi exilado, motivo pelo qual explica sua ausência nos debates políticos sobre a revolução. À vista disso informa “que em outubro de 1930 se apossaram do poder, estabelecendo um novo tipo de governo, fui obrigado a conservar-me aventurosamente no estrangeiro” (BASTOS, 2006).

Elide Rui Bastos afirma que o pensamento do autor se constitui num elemento da vida cultural e política que emerge a partir da revolução de 1930. Daí o pensamento do autor ter entrado em controvérsia às transformações de Getúlio Vargas no Brasil, como o fim das oligarquias. As obras de Freyre “*Casa grande e senzala* e *Sobrados e mocambos*” vai reforçar através da discussão sobre o patriarcalismo, a importância dos setores tradicionais proprietários de terras no Nordeste na manutenção da ordem do país (BASTOS, 2006). Isto é, esses estudos ao dá importância a esses setores tradicionais, constituía-se como ameaça à política de Getúlio Vargas que era contra a dos tradicionais proprietários de terras.

Outro ponto é a característica eclética de Freyre, que possivelmente o encaminhou ao critério ecológico que aparece na obra *Nordeste*. Esse ecletismo aponta para o aspecto plural da sociologia salientado pelo próprio Freyre:

Desde já confessemos que nos inclinamos a considerar com alguma originalidade e maior audácia a Sociologia, ciência híbrida ou anfíbia, em parte natural, em parte cultural. [...] Daí lamentamos às vezes que a sociologia e a Antropologia tenham crescido separadamente, quando unidas poderiam talvez ter-se desenvolvido com vantagem recíproca. [...] Somos dos que não compreendem conhecimento sociológico ou esforço de criação sociológica independentemente do estudo, evidentemente básico, da antropologia [...] da ecologia (e quem diz ecologia diz geografia), da história social, da biologia, da psicologia (FREYRE apud BASTOS, 2006 p.202).

Assim, percebe-se que a própria formação sociológica e antropológica sugere para a construção do critério ecológico em *Nordeste*. Além disso, podemos deduzir que o conceito de ecologia equivalia à geografia àquela época. Deste modo, esse ecletismo é perceptível na divisão de seus capítulos, seguindo os elementos da natureza: a terra, a água, a mata, os animais e os homens. Todos os elementos serão relacionados à cana. Poderia ter escolhido apenas alguns elementos, mas a sua noção de ecologia, representa a abrangência de vários elementos da natureza nesse espaço da cana.

Élide Rugai Bastos argumenta que “os pontos que diferenciam o tradicionalismo de Gilberto Freyre do conservadorismo da década de 1920 é de que valoriza o regionalismo e retoma a cultura como ponto importante da explicação social” (BASTOS, 2006). Essa valorização do regionalismo possibilita a explicação desse critério ecológico. Em suma, podemos destacar o ecletismo, que difunde ecologia e geografia, e a característica regionalista como aspectos para esse critério do autor.

Esses elementos apresentados por Freyre veio da investigação onde o mesmo se lança no conhecimento acadêmico e a palavra poética, entre os arquivos pesquisados, as conversas com moradores e a indagação dos sentidos das paisagens, assim reverbera a historiadora Regina Horta Duarte. A autora apresenta uma análise sobre essas investigações de Freyre para a produção de sua obra como um estudo impressionista porque se completa com a sondagem poética, a insuficiência pressentida na perspectiva científica, privilegiando a compreensão e a interpretação mais do que o rigor objetivo ou estatístico (DUARTE, 2005).

O olhar de Freyre para a ecologia não esteve presente apenas em *Nordeste*, aparece também em *Casa-grande e senzala* e até mesmo em *Modos de homem e modas de mulher*, onde em três tópicos incluem em seus títulos o termo ecologia: *Ecologia e modas*, *Ecologismo e empatia em voga*, *Moda brasileira e ecologia* são os tópicos apresentado pelo autor.

O aspecto regionalista e ecológico de Freyre que influenciou a escrever o que na década de 1970 passou a ser chamado de história ambiental não era exclusividade deste autor. Antes dele, Capistrano de Abreu em *O descobrimento do Brasil* também procurou apresentar o ambiente no qual a história iria ser contada, assim como o fizera Euclides da Cunha em *Os sertões*. Posteriormente, ao *Nordeste* de Gilberto Freyre, na década de 1940, o historiador Caio Prado Júnior mostrou no início de sua obra *História econômica do Brasil*, o ambiente na sua relação com a história.

Para Caio Prado Júnior o estudo do meio é uma das condições na compreensão da história econômica. Apresenta o Brasil como “compacta massa territorial, limitada a leste por uma linha costeira extremamente regular, sem sinuosidades acentuadas nem endentações, e por isso, em geral, desfavorável à aproximação humana e utilização nas comunicações marítimas” (PRADO JUNIOR, 2006). Dessa maneira, enfatiza o cenário geográfico do Brasil aonde vai se desenrolar a história econômica. E o clima do extremo-norte refletirá na vida econômica. Assim, apresenta que “as condições naturais que os colonizadores europeus encontraram no território formaria o Brasil, como uma circunstância que pesará nos seus destinos econômicos” (PRADO JUNIOR, 2006).

Portanto, a situação geográfica de uma região é importante para a compreensão dos seus contextos históricos. Não se trata apenas de situar o lugar da história, mas de relacionar o ambiente como um aspecto a ser considerado na cultura e na história de uma sociedade. O conceito de história lembrado por Marc Bloch em *Apologia da história*, como “a ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 2001) seria ampliado. Desse modo, a consideração do aspecto natureza pode levar à expressão de história como a ciência dos homens no tempo e sua relação com o mundo natural.

GILBERTO FREYRE E SUA ECOLOGIA SOCIAL

A obra *Nordeste* de 1967 da editora José Olympio é definida como ecologia social por seu autor. Tal denominação aparece no prefácio à edição espanhola e na quarta edição brasileira. Três prefácios discutem a sua feitura e apresentam os movimentos teóricos que a nortearam. No prefácio à primeira edição já estão presentes discussões que posteriormente surgirão nos debates historiográficos. O critério ecológico utilizado parece com os apontados no campo da história ambiental. Ao destacar a monocultura da cana de açúcar, enfatiza as alterações que predominam na paisagem, com a destruição das matas, afastamento e redução do número de animais que viviam nelas.

Apesar de considerar a região nordeste como uma região complexa para se analisar ecologicamente, ao dizer que “seria tarefa para mais de um autor e não de um só” (FREYRE, 1967), procurou abordar os aspectos que compõem essa ecologia. Ao tratar sobre a cana, foi constituindo a relação econômica do homem com a cana, sua ligação com a mata, com a água, com a terra e com o homem.

A ambientação natural é toda apresentada, fato que se percebe a partir da divisão de seus capítulos: a cana e a terra, a cana e a água, a cana e a mata, a cana e os animais, a cana e

o homem. Em cada capítulo buscou destacar o homem, componente essencial para produzir a história da relação do homem com a natureza. Isso o influenciou a definir seu trabalho como de ecologia social, premissa correspondente ao seu conhecimento de geografia e antropologia.

O que o autor de *Nordeste* chamou na década de 1930 de ecologia social, na década de 1970 é possivelmente o que passou a ser denominado de história ambiental. Desse modo, seria Freyre um precursor da história ambiental? Se analisarmos a pesquisa de José Augusto Pádua em um *sopro de destruição* a resposta seria não, isso porque nessa obra é apresentada uma série de autores que alertaram às causas ambientais fazendo críticas ao processo de exploração. Um desses autores foi José Bonifácio de Andrada e Silva. Apesar dessa análise, podemos abordar que Gilberto Freyre se aproximou do conceito da história ambiental.

Essa aproximação entre o social e o ecológico, como fator construtor de uma história que trata do homem e de sua ambientação natural é mostrada pelo próprio autor:

O critério deste estudo é um critério ecológico. O centro de interesse é o homem fundador de lavoura e transplantador e criador de valores à sombra da agricultura, ou antes, da monocultura da cana. O homem colonizador, em suas relações com a terra, com o nativo, com as águas, com as plantas, com os animais da região ou importados da Europa ou da África (FREYRE, 1967, p.11)

Na sequência do prefácio Freyre apresenta outra temática da história ambiental, que é a adaptabilidade, um dos marcos conceituais do campo conforme destacou a historiadora Venera Winiwarter. Esse conceito foi tratado ao afirmar que “tal estudo exigiu incursões em várias especialidades, ligadas ao problema social da adaptação do colonizador ao meio regional” (DRUMMOND, 1991). Esse conceito também apareceu em *Casa grande e senzala*, obra publicada pouco antes de *Nordeste* apontando a adaptabilidade como característica do português colonizador. Isto é, a adaptação relacionada com o que o autor chama de aclimatação, como um processo que favoreceu o colonizador português à nova terra. Então, a mobilidade, a miscibilidade e aclimatação vão se constituir como fatores positivos para a adaptação do colonizador português ao apontar que:

Nas condições físicas de solo e de temperatura, Portugal é antes África do que Europa. [...]. Estava assim o português predisposto pela sua mesma mesologia ao contato vitorioso com os trópicos: seu deslocamento para as regiões quentes da América não traria as graves perturbações da adaptação nem as profundas dificuldades de aclimatação experimentadas pelos colonizadores vindos de países de clima frio [...] (FREYRE, 2006, p.72)

Na observação da obra *Os sertões* de Euclides da Cunha que é antecedente da obra de Freyre, percebemos essa mesma temática, ou seja, a adaptação, agora a do homem sertanejo, com as dificuldades do sertão, onde Euclides da Cunha sugeriu que “o meio não forma as raças, no nosso caso especial variaram demais nos diversos pontos do território as dosagens de três elementos essenciais. Preparou o advento de sub-raças diferentes, pela própria diversidade das condições de adaptação” (CUNHA, 1979). Isso nos faz compreender que o meio-ambiente para Euclides da Cunha é um fator que determina uma cultura socialmente. Dessa maneira, o tema da seca foi um tema enfatizado nos estudos ambientalistas de Cunha, já em Freyre esse tema foi enfatizado com menos profundidade.

O equilíbrio ecológico ameaçado é uma temática ambiental também perceptível em *Casa grande e senzala* ao descrever que:

Tudo era aqui desequilíbrio. Grandes excessos e grandes deficiências, as da nova terra. O solo, excetuadas as manchas de terra preta ou roxa, de excepcional fertilidade, estava longe de ser o bom de se plantar nele tudo o que se quisesse, do entusiasmo do primeiro cronista. Em grande parte rebelde à disciplina agrícola. Áspero, intratável, impermeável. Os rios, outros inimigos da regularidade do esforço agrícola e da estabilidade da vida da família. Enchentes mortíferas e secas esterilizantes – tal o regime de suas águas. E pelas terras e matagais de tão difícil cultura como pelos rios quase impossíveis de ser aproveitados economicamente na lavoura, na indústria ou no transporte regular de produtos agrícolas – viveiros de larvas, multidões de insetos e de vermes ao homem (FREYRE, 2006, p. 76).

Infere-se que o critério ecológico já estava expresso em *Casa grande e senzala*, mas não como foco principal. O olhar desse autor já vinha sendo treinado nesse aspecto. Desse modo, ainda no prefácio à primeira edição de *Nordeste*, Freyre explica que a monocultura da cana constitui um processo que transforma a paisagem causando problemas no perfil da região canavieira, problemas tanto psicológicos, como sociais, e naturais, ao apontar que:

O perfil da região é o perfil de uma paisagem enobrecida pela capela, pelo cruzeiro, pela casa-grande, pelo cavalo de raça, pelo barco a vela, pela palmeira-imperial, mas deformada, ao mesmo tempo, pela monocultura latifundiária e escravocrata; esterilizada por ela em algumas de suas fontes de vida e de alimentação mais valiosas e mais puras; devastada nas suas matas; degradada nas suas águas (FREYRE, 1967, p. 12).

Nessa passagem percebe-se o entendimento do autor sobre o mal que um sistema monocultor pode fazer com a paisagem. O argumento científico que o autor utiliza para reforçar é pesquisando a precedência dos problemas causados pela monocultura da cana em

outras regiões como em Cuba. Ou seja, ao comparar as situações do Brasil e de Cuba, reforça a afirmação que a cana influenciou nos aspectos econômicos e sociais na transformação da paisagem da região, pois “em Cuba, a monocultura da cana, a escravidão africana e o latifúndio deram à paisagem traços e cores que aparentam, tanto quanto Barbados, da paisagem do Nordeste” (FREYRE, 1967).

Na finalização do prefácio à primeira edição, evidencia a necessidade de uma amplitude científica para uma análise ecológica sobre a monocultura da cana na sociedade latifundiária e escravocrata, ao colocar que:

[...] a civilização do açúcar no Nordeste exige uma análise demorada, que só se poderá fazer, com inteira amplitude científica, juntando-se vários especialistas para um esforço comum; e reunindo-se toda a documentação possível: antropológica como a histórica; a sociológica como a psicológica; a geológica como a botânica (FREYRE, 1967, p. 15).

Destarte, Freyre percebeu que para fazer sua ecologia social foi preciso um estudo interdisciplinar. Essa interdisciplinaridade configurou-se como uma das características da história ambiental, bem como o fato de que para um historiador se constituir como um historiador ambiental necessita conhecer fisicamente os ambientes estudados. Esse conhecimento esteve presente no autor quando afirmou que “como os estudos anteriores, este, apesar de mais impressionista, também exigiu pesquisas pelos arquivos regional e português; esforços de investigação; várias excursões pelas velhas zonas de plantação de cana” (FREYRE, 1967).

Quanto ao prefácio à edição espanhola do livro, escrita pelo autor na década de 1940 no qual mostra estar mais convicto e seguro do critério ecológico aplicado. É o prefácio em que define de forma mais explicativa esse critério ao sugerir que:

Deve entender-se amplo critério geral, não só científico como filosófico e até estético e poético, de estudo e interpretação de uma região; e não um rígido ecologismo geométrico de seita sociológica ou geográfica, segura de poder reduzir problemas de cultura e fatos humanos e fatos de física e de história natural. Ou problemas da geometria (FREYRE, 1967, p. 20).

O autor destaca que se deve entender o critério como geral, um pouco sociológico, um pouco geográfico, um pouco de história natural, dentre outros. No entanto, continua a explicar sobre esse critério denominando de ecologia social ao explicitar que:

Trata-se de ecologia social compreendida no seu sentido mais amplo: no de procurar-se extrair da totalidade de inter-relações e processos naturais e de cultura que se encontrem simbolicamente confundidos e harmonizados, ou em conflito, na vida e na paisagem de determinada região, os seus traços mais característicos, os seus tipos mais representativos, os seus métodos mais constantes de exploração da terra ou exploração de animais pelos homens e dos homens uns pelos outros. O seu drama. Drama no sentido sociológico em que a personalidade humana é ‘síntese dramatizada da estrutura social inteira’; síntese de cultura-natureza regional pode-se dizer em ecologia social. Síntese da personalidade humana considerada em suas relações com o meio, com a terra, com as instituições, com a história natural e social do meio (FREYRE, 1967, p. 20).

O autor aborda a relação do homem com a natureza, seja como relação harmoniosa, seja como de domínio. Assim, a explicação do autor resulta em uma análise densa da relação da sociedade com o meio. Além disso, apresenta com mais profundidade o porquê de sua ecologia apresentar-se como social. Destarte, reforça essa mistura quando toma como zona de estudo uma região como o Nordeste ao dizer que:

Mas que estudo da natureza em zonas em que esta se apresenta confundida com a vida, com a cultura, com a história humana poderá conservar-se inteira ciência física, absoluta ciência ou mesmo história natural, ao aventurar-se o ecologista em interpretações, ao estender-se em tentativas de compreensão de conjuntos regionais de vida e cultura (FREYRE, 1967, p. 22).

Assim, isso mostra uma composição não do homem contra a natureza, mas do homem como parte dessa natureza, à qual procura adaptar-se, pois defende que o estudo sobre região não decorre de tratar a natureza como um determinismo geográfico, e sim, que o meio influencia o homem por causa dessa inter-relação.

Essa discussão do autor é retomada posteriormente por historiadores ambientais, que não veem o homem contra a natureza ou vice-versa, mas uma inter-relação. Podemos perceber que essas discussões não eram novidades nos anos 1970 e o próprio historiador ambiental norte-americano, Donald Worster, décadas depois reconhece isto ao dizer que “boa parte da história ambiental está disponível há gerações, talvez há séculos, e agora está sendo apenas reorganizada à luz das experiências recentes” (FREYRE, 1967). Ou seja, esse tipo de história já existia com outras roupagens.

O autor reforça a definição do homem como parte integrante da natureza ao elucidar que “a própria harmonia entre o homem, o grupo ou a cultura e a natureza regional deve ser antes expressão cultural, como observa Sauer, do que imposição da natureza” (FREYRE,

1967). Assim, essa argumentação sugere que o processo pelo qual o ambiente influencia o homem, quando este procura adaptar-se, não ocorre somente pela dominação da natureza, mas é também uma expressão cultural.

O autor conclui seu prefácio à edição espanhola ao apresentar que “dado o dinamismo cultural e social do homem em face da natureza, do meio físico, do clima, não há ecologia social que possa limitar-se a ciência física ou a história natural” (FREYRE, 1967). Isto é, essa ecologia ao colocar esse dinamismo do homem com a natureza, faz que a história não fique limitada ao natural.

A terceira edição em língua portuguesa de *Nordeste*, de 1961, traz outro prefácio, neste, o autor aparece mais convicto sobre o critério ecológico utilizado para analisar o Nordeste. Isso porque sua obra tornou-se “um dos poucos livros pioneiros sobre o assunto, passou a ser, no decorrer dessas suas várias edições, um dos numerosos ensaios sobre um tema que é hoje um dos mais versados no Brasil” (FREYRE, 1967). Assim, tal convicção é demonstrada e reconhecida pelo autor de um campo que ainda estava surgindo no Brasil.

Essa convicção do autor legitima-se por reconhecer que outros estudiosos estavam se voltando para os estudos ecológicos tomando *Nordeste* como base ao argumentar que “Nos últimos anos, numerosos bons estudos e várias honestas pesquisas de caráter ecológico, sociológico, econômico, histórico, foram suscitados pelos problemas do Nordeste e pelo seu passado ricamente sugestivo” (FREYRE, 1967). Assim, o anúncio desses estudiosos voltados para o conhecimento do Nordeste, mostra o quanto o aspecto ecológico estava virando uma tendência pelo aumento de estudiosos de outras áreas olharem para essa região com essa mesma perspectiva.

A PAISAGEM DO NORDESTE AÇUCAREIRO APRESENTADA POR GILBERTO FREYRE

Antes que aprofundemos o que de fato aborda sobre sua ecologia social, é necessário que comecemos por relacioná-lo com Euclides da Cunha na tentativa de perceber influências. Um ponto em comum entre eles é a colocação de uma região como foco de estudo. Entretanto, seus ambientes não são estudados de maneira isolada e sim na sua relação com o homem, para isso apresentam o social em seus métodos. Ambos têm em suas obras um capítulo dedicado à terra e um capítulo dedicado ao homem.

Assim, teria Gilberto Freyre recebido alguma influência de Euclides da Cunha? Na leitura de Perfil de *Euclides e outros perfis* escrita por Freyre percebe-se um olhar já treinado

para compreender as questões que envolvam paisagens. À vista disso, pode ter havido certa influência, já que a obra de Euclides é de 1902 e a de Gilberto Freyre é de 1933.

Ao fazer uma análise sobre a pessoa de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre começa lembrando a impossibilidade de falar sobre esse autor sem falar de sua obra *Os sertões*. A personalidade de Euclides está presente em sua obra mais conhecida ao destacar que “a paisagem dos sertões apontada por Cunha não é apenas um capítulo de geografia física e humana do Brasil, mas se completa com a personalidade do autor no seu apego à terra” (FREYRE, 1987).

Gilberto Freyre como leitor sustenta que a paisagem tratada por Cunha é transformada, no livro, em personagens, quando diz que:

Resistir quando todos desistem. Resistir sempre. Clamar no deserto. Clamar pelo deserto. De modo que é Euclides, mais do que a paisagem, que transborda dos limites de livro científico d’ *Os sertões*, tornando-se um livro também de poesia, uma espécie daqueles romances de Thomas Hardy em que a paisagem está sempre entre os personagens do drama, uma como mensagem de profeta preocupado, como outrora os hebreus, como o destino de sua gente e com as dores de seu povo. Preocupado com esse destino e com essas dores através da paisagem sertaneja, para ele menos um tema de materialismo geográfico que um problema do que hoje se chamaria ecologia humana. Também um problema de política e de ética (FREYRE, 1987, p.17).

Pode-se inferir que o aspecto de transformar a paisagem em personagens pode ser marca de influência de Euclides da Cunha sobre Gilberto Freyre. O fato de este destacar os títulos de seus capítulos em: a cana e a terra, a água, a mata, e os animais, mostra que o sujeito histórico vai ser a paisagem transformado em personagem.

Uma das características que faz o escritor considerar Euclides da Cunha como um poeta é justamente a forma como o mesmo retrata a paisagem, quando diz que “o poeta viu os sertões com um olhar mais profundo que o de qualquer geógrafo puro, que o de qualquer simples geólogo ou botânico, que o de qualquer antropologista” (FREYRE, 1987). Além dessa questão, isso mostra o quanto o olhar de Gilberto Freyre era sensível para observar esse âmbito ecológico, pois quando da análise do perfil de Euclides já tinha escrito *Nordeste* pelo critério ecológico.

Contudo, Freyre analisa o critério em Cunha ao apontar que “suas caracterizações da paisagem brasileira dos sertões – paisagem física, paisagem cultural – ilumina-as um seguro critério ecológico, ao lado do senso dramático dos antagonismos que turvam a unidade

brasileira” (FREYRE, 1987, p.29). Assim, essa afirmação da presença de critério ecológico em Cunha está relacionada ao fato de o mesmo já ter inserido esse critério em *Nordeste*. Como dito em seu prefácio à edição espanhola, na década de 1940, desse critério “deve entender-se amplo critério geral, não só científico como filosófico e até estético e poético, de estudo e interpretação de uma região” (FREYRE, 1967). Assim, as caracterizações sobre a natureza em ambos os autores apresentam-se centradas nas ações humanas, em Cunha a natureza é descrita de forma minuciosa onde o homem possuía práticas em relação à terra que provocava os desertos, devido a destruição das matas para implantação de agricultura onde o método era a prática de queimadas, que vem desde os indígenas. Gilberto Freyre faz uma caracterização das ações humanas sobre a natureza de forma impressionista ao apontar as mudanças de atitudes humanas, apresentando a monocultura da cana como uma prática que prejudica a terra. Enquanto Cunha era mais determinista, Freyre era impressionista.

A cana e a terra é o primeiro capítulo de *Nordeste* no qual Gilberto Freyre trata de um dos elementos da paisagem que é a terra. Assim, começa problematizar que a terra do nordeste “parece sentir gosto em ser pisada e ferida pelos pés de gente, pelas patas dos bois e dos cavalos” (FREYRE, 1967, p.5). Isso demonstra a percepção do autor quanto ao aspecto da degradação da terra. Além disso, a descrição do lugar como um personagem histórico. Análise que sugere influência euclidiana.

Essa degradação da terra é uma das temáticas que foi enfatizada posteriormente pelo campo história ambiental quanto ao equilíbrio ecológico ameaçado, sendo uma temática vista por ecologistas como “Histórias sobre ciclos de erosão, salinização, ou para se colocar em termos mais gerais, de degradação do solo, assim como mudanças de manejo de solo causadas pela agricultura, construções ou urbanização” (WINIWARTER, 2010).

Assim, um dos métodos utilizados por Gilberto Freyre na construção de sua história ecológica é exatamente a personificação dos elementos da natureza, quando apresenta o massapê que é um tipo de terra comum na região, ele destaca que “puxa para dentro de si as pontas de cana, os pés dos homens, as patas dos bois, as rodas vagarosas dos carros, as raízes das mangueiras e das jaqueiras, os alicerces das casas e das igrejas, deixando-se penetrar como nenhuma outra terra dos trópicos pela civilização agrária dos portugueses” (FREYRE, 1967).

Nesse estudo sobre a cana e a terra, a adaptação é um tema ambiental também presente onde afirma:

Nessas manchas de terra pegajenta foi possível fundar-se a civilização moderna mais cheia de qualidades, de permanência e ao mesmo tempo de plasticidade que já se fundou nos trópicos. A riqueza do solo era profunda: as gerações de senhores de engenho podiam suceder-se no mesmo engenho; fortalecer-se; criar raízes em casas de pedra-e-cal; não era preciso o nomadismo agrário que se praticou noutras terras, onde o solo menos fértil, esgotado pela monocultura, fez do agricultor quase um cigano sempre à procura de terra virgem (FREYRE, 1967, p.7).

À vista disso, quando elucidada que nessa terra foi possível fundar uma civilização cheia de plasticidade, pode indicar que aquela sociedade tinha capacidade de adaptar-se ao meio. Uma adaptação que mostra a terra agindo de forma ativa, já que é o homem que tem que se adaptar e não a terra. Tema que irá ser visto mais tarde, como parte de um dos quatro pontos de vista ligados às ameaçadas do meio ambiente (WINIWARTER, 2010).

A temática da adaptação do homem ao meio ainda se faz presente ao retratar que:

Um homem do povo semelhante ao polinésio, feito de três sangues, noutras terras tão inimigos. Um negro adaptado como nenhum à lavoura do açúcar e ao clima tropical. Um português também predisposto à sedentariedade da agricultura. Um índio que ficou aqui mais no ventre e nos peitos da cabloca gorda e amorosa do que nas mãos e nos pés do homem arisco e inquieto (FREYRE, 1967, p.10).

Nesta passagem, além da presença da adaptação como tema ambiental, surge uma das questões conceituais desse tipo de história como uma “história que se preocupa com as interações entre a natureza e as sociedades humanas do passado, dá importância ao lugar e tenta associar a história humana com os sistemas naturais” (WINIWARTER, 2010). Essa importância dada ao lugar é vista quando o autor afirma o meio como um ambiente que propiciou constituir-se a fisionomia brasileira com os elementos do índio, do branco e do negro.

A cana e a água é outro elemento ecológico tratado por Gilberto Freyre. O início do seu capítulo traz notícia sobre um congresso de geografia em que a água foi destaque “em 1929 Sir Halford Macckinder fez discurso no Congresso Internacional de Geografia, reunido em Cambridge, defendendo a supremacia da água entre os elementos que nos devem preocupar no estudo de uma região e de sua paisagem” (FREYRE, 1967). Daí pode-se observar a importância da geografia nas leituras do autor e para o desenvolvimento de seus estudos ecológicos.

O autor destaca no estudo do elemento água, um triângulo que vai transformar a paisagem, sendo esse triângulo tomado pelo engenho, casa-grande (senzala) e a capela. Esse

triângulo foi quebrando a paisagem, que era cheia de curvas às margens dos rios e formando a geometria da colonização agrária. Dessa maneira, o autor acentua que:

O triangulo rural – engenho, casa, capela – se impôs à paisagem do Nordeste de massapê, como a sua primeira nota de ordem europeia. A água dos rios e dos riachos da região se subordinou ao novo sistema de relações entre o homem e a paisagem embora conservando-se cheia de curvas e até de vontades. Sem se militarizar em canais rígidos à holandesa (FREYRE, 1967, p.21).

Infere-se daí que o autor ao colocar que a água dos rios se subordinou ao novo sistema de relações entre homem e a paisagem, sugere que esse sistema alterou a relação do homem com a paisagem, pois havia uma convivência harmoniosa e equilíbrio nessa relação onde esse sistema passa a ter um desequilíbrio ecológico.

O autor procurou também abordar a ação do homem sobre a natureza e como estava ocorrendo a falta de harmonia nessa relação. Ao destacar o processo de erosão dos rios, culpa a monocultura, que, por causa da devastação das matas fazia esse processo aumentar. Assim apresenta a questão:

O fato liga-se também à destruição das matas pelo fogo e pelo machado, em que tanto se excedeu a monocultura. Desapareceu assim aquela vegetação como que adstringente, das margens dos rios, que resistia às águas, tempo de chuva, não deixando que elas levassem o tutano das terras: conservando o húmus e a seiva do solo. As caraibeiras tiveram essa função útil às margens de alguns rios. Margens que se tornaram umas areias frouxas e incapazes de resistência quando esse arvoredo mais vigoroso do interior foi devastado (FREYRE, 1967, p.22).

Percebe-se que o autor ao mesmo tempo em que aborda a destruição, trás a ideia de conservação, assim como o entendimento técnico do autor sobre as consequências que a destruição das árvores poderia ocasionar ao solo, o que apresenta a utilização de teorias ecológicas para fundamentar tal argumento. Percebe-se no autor preocupação com o equilíbrio ecológico. Essa questão na posterioridade foi tratada por especialista da história ambiental, ao expor que “os historiadores se utilizam de teorias ecológicas, ao falar sobre nichos, sobre a resiliência, a regeneração dos sistemas naturais, a destruição dos habitats, a apropriação de produção primária feita pelos seres humanos e histórias de mudanças climáticas” (WINIWARTER, 2010).

Ao ler o fragmento do autor onde afirma que “já procuramos fazer uma vez o elogio dos rios pequenos e destacar a importância que tiveram na formação rural do Brasil – com o que, em trabalho recente, deu-nos a honra de concordar, o ilustre geógrafo francês Professor

Pierre Monbeig”, percebe-se novamente a importância dos estudos da geografia para análise ecológica do autor nessa obra *Nordeste*.

O autor trata de fato que lhe é contemporâneo, mas também objeto da ecologia recente quando aborda sobre a morte de peixes por contaminação. Essa questão é bem analisada, e o autor problematiza a partir de suas fontes as mudanças de hábitos da sociedade açucareira por causa dessa contaminação que vem das usinas. Descreve que:

Quase não há um rio do Nordeste do canavial que alguma usina de ricao não tenha degradado em mictório. As casas já não dão a frente para a água dos rios: dão-lhe as costas com nojo. Dão-lhe o traseiro com desdém. As moças e os meninos já não tomam banho de rio: só banho de mar. Só os moleques e os cavalos se lavam hoje na água suja dos rios (FREYRE, 1967, p.35).

A cana e a mata constituem-se como elemento ecológico também problematizado por Gilberto Freyre. Começa o capítulo descrevendo o que era a mata antes da monocultura. Depois vai salientando como a mata foi se transformando com esse processo, que “o canavial entrou como um conquistador em terra inimiga, matando as árvores, secando o mato, afugentando e destruindo os animais e até os índios, querendo para si toda a força da terra” (FREYRE, 1967). Levanta hipótese sobre a monocultura como ação humana que desvirginou a mata com a ajuda do fogo e que o canavial civilizou como também devastou.

Nesse estudo sobre a mata Gilberto Freyre reforça sua preocupação com o equilíbrio ecológico ao apontar que a história natural e social do nordeste da cana é uma história de desequilíbrio ao destacar:

Em estado de variedade, tudo se concilia e se compensa. Em estado de monocultura absoluta, tudo se desequilibra e se perverte na vida de uma região. A história natural – como a social – do Nordeste da cana, nestes quatro séculos, é uma história de desequilíbrio, em grande parte causado pelo furor da monocultura. Suas fomes, algumas de suas secas e revoluções são aspectos desse drama (FREYRE, 1967, p. 46).

Um processo interessante apontado pelo autor é que, com a destruição da mata pelo domínio da cana, a natureza do nordeste deixou de ser harmoniosa causando subordinação exagerada de uma pessoa a outras, de umas plantas a outras, de animais a outros. Em seus termos:

Com a destruição das matas para a cana dominar sozinha sobre o preto, o roxo ou o vermelho dessa terra crua, a natureza do Nordeste – a vida toda – deixou de ser um todo harmonioso na sua interdependência para se desenvolverem relações de extrema ou exagerada subordinação: de umas pessoas a outras, de umas plantas a outras, de uns animais a outros; da massa

inteira da vegetação à cana imperial e todo-poderosa; de toda variedade de vida humana e animal ao pequeno grupo de homens brancos donos dos canaviais, das terras gordas, das mulheres bonitas, dos cavalos de raça. Cavalos de raça tantas vezes tratados melhor que os trabalhadores da bagaceira (FREYRE, 1967, p. 47).

Este é um dos excertos em que autor associa enfaticamente o natural ao social. O termo subordinação já mostra um pouco disso. Porque isto vai ocorrer com a preferência pela cana, pelo seu valor econômico. Além da subordinação, a falta de sensibilidade da sociedade naquela época para com as árvores é também problematizada. Mas destaca essa ausência de sentimento para explicar a falta de amor da sociedade de seu tempo ao discutir que:

Essa distancia entre o colono branco e a mata, entre o dono de terra e a floresta, explica o nosso quase nenhum amor pela árvore ou pela planta da região, quando se trata de arborizar as ruas das cidades do litoral. Explica a indiferença com que deixamos que a arborização das cidades do Nordeste vá se estandardizando no fico benjamim e no eucalipto australiano (FREYRE, 1967, p. 49).

Assim, podemos perceber a visão do autor acerca de sua época ao mostrar a falta de apego da sociedade às árvores nativas. Essa falta de sensibilidade viria desde a colonização. Além disso, observa-se no seu argumento como outras plantas foram importantes àquela sociedade por fins econômicos, embora menos que a cana, como também descreve as plantas mal vistas por ecologistas, como o eucalipto, que é um tipo de vegetal que provoca os chamados “desertos verdes”. Dessa maneira destaca que “ecologista nenhum se limita a ver vantagem na utilização dessa planta no saneamento do pântano, podendo resultar desequilíbrio profundo sob o ponto de vista ecológico, pois viria a diminuir a própria umidade do solo” (FREYRE, 1967).

Dentre esses elementos ecológicos Gilberto Freyre analisou os animais nesse contexto ecológico da cana. O canavial aristocratizava a sociedade, e também os animais. O autor procurou apresentar os animais como tipos que se integram à paisagem do Nordeste e que irão exercer influência na submissão da natureza ao homem.

Dessa maneira apresenta que com a aristocratização da sociedade o cavalo ficou em primeiro plano e o boi em segundo. A sociedade mais aristocratizava o boi do que o cavalo, enquanto este era utilizado como transporte do senhor, já o boi servia para as atividades relacionadas com o açúcar, o que quase não percebe sensibilidade para com o boi. Entretanto, o significado do boi para os negros era outro, isso porque “o boi associou-se aos dias alegres do negro de engenho na figura do bumba-meu-boi” (FREYRE, 1967).

Gilberto Freyre também escreveu sobre a cabra. Em relação a esse animal, realçou o entendimento de um botânico, Alberto Lofgren, que “nos seus estudos sobre o problema florestal do Nordeste, notou que a cabra do nordestino tem livre acesso em áreas que não é possível para a planta alguma um desenvolvimento maior”. À vista disso, podemos também compreender que o autor utilizou a botânica na construção de seu estudo.

Podemos inferir que entre os elementos ecológicos, a terra, a água e os animais, o elemento que mais sofreu destruição foi a mata. Sobre ele o homem parece ter exercido seu maior domínio, e com isso o autor nos leva a pensar em um nordeste que já não existe mais por conta dos números de árvores derrubadas. Porém, ao situar todos esses elementos, abordou também o homem, pois este também se constitui como um elemento da natureza. Quase a metade da obra *Nordeste* é dedicada ao estudo sobre o homem no período colonial. A introdução do estudo do homem como um ser integrante do ambiente que era o Nordeste é a complementação da sua chamada “ecologia social”.

Na parte que trata do tema, coloca as diferentes representações do homem na sociedade, como o “senhor de engenho”, e o fato de a monocultura ter possibilitado a formação do homem aristocrático. Nesta parte refere-se aos costumes da sociedade e das doenças mais frequentes no período. Mostra como a cana era expressa na poesia, além de destacar o negro como um fator integrante do complexo brasileiro da cana de açúcar.

Essas são algumas das temáticas e características identificadas em *Nordeste* de Gilberto Freyre e assim a análise dos fatores que demonstram a escrita do autor como uma escrita para o sentido de ecologia social. Essa análise se insere como processo de investigação no qual, os fatores de formação intelectual, o contexto de produção de sua obra e as fontes utilizadas por Gilberto Freyre exerceram influências que o levaram a escrever uma história que pode ser refletida como pertencente ao saber ambiental bastante expressivo na década de 1970.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *Nordeste* de Gilberto Freyre foi a fonte central na percepção de sua escrita como um processo que constituiu um pensar ecológico. A terra, a água, a mata, os animais e o homem, foram as temáticas no qual o autor estabelece a relação entre homem e natureza. Relação manifestada de duas formas, ora o homem é harmonioso com a natureza, ora exerce domínio sobre ela.

O conhecimento sobre o surgimento do campo história ambiental pesquisado por historiadores da área como Donald Worster e José Augusto Drummond permitiu tomarmos conhecimento dos muitos intelectuais que foram contribuindo para que esse campo viesse a ser constituído em 1970. Além desses, o conhecimento do artigo da historiadora Verena Winiwarter possibilitou na percepção de alguns conceitos da área.

Portanto, a proposta desse trabalho foi em identificar um estudo ecológico em *Nordeste*, constituindo-se corpus documental de cunho bibliográfico, além de obras que deram suporte na investigação dessa obra, como meio de identificação das temáticas ambientais e da compressão sobre a formação do autor que influenciou na sua escrita.

Referências

- BASTOS, Elide Rugai. **As criaturas de Prometeu**: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. São Paulo: Global, 2006.
- BORGES, Vavy Pacheco. Anos trinta e política: História e historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar de [org.]. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 159-182.
- BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: _____. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 51-68.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: Campanha de Canudos. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DUARTE, Regina Horta. "Com açúcar, com afeto": impressões do Brasil em Nordeste de Gilberto Freyre. **Tempo** [online]. 2005, vol.10, n.19, pp.125-147. ISSN 1413-7704. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042005000200009>. Acesso em: 04/05/2018.
- DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisas. In: **Estudos avançados**, Rio de Janeiro, vol.4, n. 8, 1991, p. 177-197.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- _____. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- _____. **Modos de homem e modos de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- _____. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.
- PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista 1786-1888. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. As bases teóricas da história ambiental. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v.24, n.68, 2010. p. 81-101.
- WINIWARTER, V. Abordagens sobre a história ambiental: um guia de campo para os seus conceitos. In: **Abordagens Geográficas**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 1-21, out. 2010.
- WOSTER, Donald. Para fazer história ambiental. In: **Estudos Históricos**, vol. 4, n.8, 1991, p. 198-215.

Recebido em 18 de fevereiro 2019
Aprovado em 03 de março de 2020